

Cotidianos

Poucas coisas são tão misteriosas quanto aquilo que se chama, ou se convencionou denominar: “cotidiano”. Simultaneamente, essa palavra evoca uma consciência de tempo, espaço e de si, uma vez que o cotidiano agencia distintas individualidades. Por outro lado, o cotidiano suscita uma perda de subjetividade, através da voz que se pretende ampliada na ideia de multidão, programada pelos meios de produção.

As artistas percebem, então, que o cotidiano é um lugar de apreensão e desnaturalização dos gestos do “eu” em sua relação com o “mundo”, do “eu” em contato com as supostas multidões. As obras “Cartografia de Boteco” de María Andrea Trujillo e “Nadalgo” de Roberta Paiva capturam o que é comum, ordinário - salgados de botecos e brinquedos infantis - ativando, por gestos de desvio, novas significações e possibilidades. Já Denise Calasans, com a instalação “Palavras ao vento”, expõe a fluidez e fragilidade do amor contemporâneo, cotidianamente trocado em mensagens que escorrem de lençóis de família e que tremulam no ar. Completando essa rede de afetos e vínculos, Maria Fernanda Lucena, com sua pequena pintura-relicário “Casal no Paço”, captura a imagem, desconhecida e preciosa, de um encontro íntimo, apreendida do cotidiano e devolvida ao mundo, sem medo de sua delicadeza e incompletude.

Apreendemos, assim, objetos que passam despercebidos em nosso dia-a-dia e que podem ganhar outros contornos. O olhar do estrangeiro, o flerte, o romance, o amor contemporâneo são ressignificados através de imagens, objetos e gestos familiares. O que é cotidiano e ordinário se desdobra, revelando sua aptidão para transformações infinitas. O comum, aqui, se faz extraordinário.